

**ANÁLISE CONTRASTIVA DAS FORMAS DE
TRATAMENTO AO INTERLOCUTOR NO TEATRO
BRASILEIRO E PORTUGUÊS DOS SÉCULOS XIX E XX**
CONTRASTIVE ANALYSIS OF THE FORMS OF ADDRESS IN
THE BRAZILIAN AND PORTUGUESE THEATER OF THE
19TH AND 20TH CENTURIES

Ana Carolina Morito Machado*
ana.machado@ifrj.edu.br

Este trabalho tem como objetivo analisar o comportamento das formas de tratamento ao interlocutor, que, nesta pesquisa, são consideradas *Tradições Discursivas*, no Português brasileiro e europeu dos séculos XIX e XX. Para tal, investiga-se a distribuição dessas estratégias, à luz da Sociolinguística Variacionista, em vinte e nove peças teatrais escritas ao longo desse período. Para auxiliar na compreensão de questões relativas às relações sociais e a motivações pragmáticas, foram utilizadas questões discutidas pelo trabalho *The pronouns of power and solidarity*, de Brown e Gilman (2003 [1960]). Os resultados apontam para uma similaridade entre o sistema de tratamento no Português brasileiro (PB) e do Português europeu no terceiro quarto do século XIX, e para um progressivo distanciamento entre as duas variedades, a partir dos últimos anos do século XIX.

Palavras-chave: Estratégias de referência à segunda pessoa. Tradições Discursivas. Sociolinguística Variacionista. Cortesia.

The main goal of this work is to analyze the behavior of address forms, which, in this research, are considered Discursive Traditions in Brazilian and European Portuguese of the nineteenth and twentieth century. To this purpose, it was investigated the distribution of those address forms, using the Variational Sociolinguistics, in twenty nine plays written in those centuries. To better understand the questions related to social relations and pragmatic motivations, it was also used the paper. The pronouns of power and solidarity, of Brown e Gilman (2003 [1960]). The results have shown a similarity between the systems of address forms in the Brazilian Portuguese and the European Portuguese in the third quarter of nineteenth century.

* Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, Brasil.

However, they point out a continuous distancing between the two Portuguese forms in the last years of nineteenth century.

Keywords: Reference strategy of second person. Discursive Traditions. Variational Sociolinguistics. Courtesy.



1. Introdução

Este estudo tem como objetivo contribuir, juntamente a outros trabalhos sobre o tema, para a descrição do sistema de tratamento ao interlocutor no Português brasileiro (doravante PB) e no Português europeu (doravante PE) dos séculos XIX e XX. Sabe-se como diversos estudos sobre questão do tratamento mostraram, que, para entender o percurso das estratégias de referência ao interlocutor em uma língua, deve-se investigar a estreita relação que há entre evolução sócio-histórica, mudança linguística e tradição textual, pois os textos têm história própria, independente da história da língua (mais adiante será tratada essa questão).

Segundo Goffman (2007 [1959]), todo homem está a todo momento representando um papel, mesmo que de modo não consciente. É através dos papéis que um indivíduo desempenha que os outros o conhecem e que ele conhece a si próprio. De certo modo, o papel que esse indivíduo se esforça para representar é o que ele é de fato ou, ao menos, o que ele deseja ser. Os papéis, na perspectiva de Robinson (1977 [1972], p. 114), correspondem “ao conjunto de comportamentos prescritos para (ou esperáveis de) uma pessoa que ocupe certa posição na estrutura social”. Sendo assim, o papel é um constructo institucionalizado em uma determinada cultura. Nesse constructo, a linguagem verbal desempenha uma função essencial na atribuição dos papéis sociais, pois, dentre as diversas formas linguísticas que contribuem para a reivindicação de um papel por parte do falante e a concessão pelo falante de um papel a seu interlocutor, encontram-se as formas de tratamento. Em outras palavras, a escolha por uma forma de tratamento está associada aos papéis sociais desempenhados pelos participantes que se encontram inseridos em uma situação interacional.

Além dessa intrínseca relação entre formas de tratamento e papéis sociais, acredita-se, também, que há uma forte ligação entre essas formas e

movimentos de conservação e inovação na língua. A fim de entender melhor a questão, parte-se do pressuposto de que as línguas são compostas por Tradições Discursivas (doravante TDs), que são formas textuais evocadas em um contexto específico e que, pela repetição desses elementos linguísticos, nesse mesmo contexto, ao longo da história, tornam-se “cristalizadas” em uma determinada situação comunicativa. As TDs estão presentes na língua de um modo geral. Um dos domínios em que ocorrem TDs é no paradigma das formas de tratamento, uma vez que o emprego dessas formas pressupõe repetição de fórmulas linguísticas que são evocadas em situações de interação entre papéis sociais específicos. Entretanto, tem-se em vista também que tanto as formas de tratamento ao interlocutor quanto às relações sociais mudam ao longo do tempo, o que acarreta mudanças na língua neste domínio.

Tomando como base essas questões, este trabalho tem como objetivo observar, em peças teatrais, o tratamento ao interlocutor na variedade do Rio de Janeiro e de Lisboa dos séculos XIX e XX. Pretende, sobretudo, analisar, no teatro, como fórmulas linguísticas consideradas inaceitáveis para determinados contextos comunicativos transformam-se em recorrentes, tornando-se, assim, índices de “flexibilização” das relações interpessoais.

A fim de alcançar esse propósito, serão analisadas as estratégias de referência ao interlocutor em duas amostras de textos dramáticos, ambientados no Rio de Janeiro e em Lisboa, à luz do modelo das Tradições Discursivas (TDs), da Teoria da Variação (Weinreich, Labov & Herzog 1968) e da Teoria do Poder e Solidariedade (Brown & Gilman 1960).

2. Pressupostos teóricos

2.1. A união entre o modelo das Tradições Discursivas e a teoria Sociolinguística: breves considerações

Tendo em vista que o objetivo principal deste estudo é descrever as alterações operadas no sistema de tratamento ao interlocutor no PB e no PE dos séculos XIX e XX, fez-se a opção pela união entre dois modelos teóricos que discutem a mudança linguística: o das Tradições Discursivas e da Sociolinguística de base laboviana. É de fundamental importância ressaltar que não serão apresentados profundamente os dois modelos teóricos, mas somente o que, neste trabalho, é importante para a explicação das mudanças operadas no paradigma das formas de referência ao interlocutor.

Antes de apresentar as Tradições Discursivas, parece válido demonstrar um exemplo dado por Kabatek (2006) para explicitar esse conceito. Para o

autor, em um encontro pela manhã entre duas pessoas conhecidas em que há um desejo claro de se saudarem, não basta somente encontrar uma expressão da língua portuguesa; é necessário que se produza um enunciado como “bom dia”, seguindo, assim, uma tradição que é estabelecida pela cultura e que se encontra além das regras gramaticais e do simples conhecimento dos itens lexicais. Esse emprego de “bom dia” seria uma TD, pois apresenta os dois elementos fundamentais para o estabelecimento de uma TD: a *repetição*, que ocorre quando um texto estabelece uma relação com outros textos em um determinado momento da história; e a *evocação*, que se dá com a repetição dos conteúdos temáticos que são tratados nos textos. Ainda de acordo com o autor, um texto historicamente situado se relaciona com diversos elementos de seu ‘contexto’. Esse ‘contexto’ apresenta inegavelmente um forte conteúdo semântico e pode adquirir um valor simbólico. A repetição (quase sempre parcial) dos elementos contextuais da primeira enunciação evoca a repetição do texto (ou, ao menos, traz a lembrança do primeiro texto, ou mais amplamente, da TD).

Assim sendo, segundo Koch e Oesterreicher (1997 *apud* Kabatek 2006), *Tradições Discursivas* são todas as formas e fórmulas comunicativas que são recorrentes, tradicionais, cujas fronteiras estão além das estabelecidas para as línguas históricas. Para os autores, ao praticar a atividade do falar, o indivíduo se submete a dois filtros concomitantes até transformar o que deseja em um enunciado, um correspondente à língua histórica e outro, às TDs.

Diante do exposto, considera-se que as estratégias de referência à segunda pessoa são TDs, pois evocam um uso: se o interlocutor é, por exemplo, uma pessoa da idade semelhante a do falante e se tem com ela certo tipo de intimidade, a forma de tratamento mais indicada, evocada, no Português brasileiro contemporâneo, é *você*, e, embora, não haja nenhum impedimento gramatical ou lexical para que utilize uma estratégia como *o(a) senhor(a)*, a tradição recomenda que não se empregue essa forma.

Dessa maneira, a associação das noções de estratégias de referência ao interlocutor ao conceito de TDs pode ser explicada na medida em que se sabe **(a)** que, aos falantes de uma determinada língua, estão disponíveis inúmeras formas de natureza nominal, pronominal ou, até mesmo, verbal, de se dirigir à segunda pessoa do discurso, e **(b)** que, entretanto, não é difícil para qualquer falante de uma língua distinguir, por exemplo, quais dessas formas são mais adequadas ao domínio da formalidade ou da informalidade, qual estratégia deve ser utilizada em um tipo de relação que envolva poder ou não, que seja institucional ou não.

Como já visto, está bastante evidente que a utilização de certas estratégias de se dirigir ao interlocutor está intimamente ligada às relações sociais

que se desenvolvem culturalmente e que, dessa maneira, ao se modificarem, acarretam alterações na língua. Quando ocorrem mudanças na história externa de uma língua, inauguram-se novas necessidades comunicativas, que motivam o surgimento de novas TDs. Essas novas TDs provocam modificações no âmbito da língua e, desse modo, a ligação entre a história externa e interna da língua está nas TDs.

A partir dessa relação entre história externa e história interna, neste trabalho, acredita-se que a mudança no domínio das formas de tratamento possa ocorrer de três modos distintos. O primeiro modo seria a *inserção*, que ocorre quando há o aparecimento de uma ‘nova’ situação comunicativa, que necessita ser marcada por uma forma de tratamento específica. Já o segundo modo corresponde à *expansão linguística*, que se relaciona ao alargamento do uso de uma forma linguística para novos contextos situacionais (que, inicialmente, têm algo em comum). Por fim, o terceiro modo é aquele em que há *mudança semântica* da forma de tratamento. Nesse modo, uma forma expande-se para contextos comunicativos que possuem uma natureza distinta do contexto situacional a que a forma estava associada anteriormente. A natureza desse novo contexto pode inaugurar, então, uma nova semântica para a forma comunicativa. Utilizando o exemplo da forma *Vossa mercê*, é possível notar que, paulatinamente, ao se expandir e reduzir sua substância fonológica, essa forma atinge novos contextos situacionais, como a relação entre iguais não íntimos, adquirindo um novo significado relacionado, agora, à noção de simetria.

Os dois últimos modelos — o da expansão e o da mudança da semântica — parecem acarretar uma variação linguística, uma vez que, ao ser evocada em uma nova situação comunicativa e modificar sua essência, a ‘nova forma’ passa a representar um tipo específico de relação que não deixa de evocar também a ‘antiga forma’. Para entender melhor a questão da variação e da mudança linguística, utilizaram-se alguns pressupostos da Sociolinguística de base laboviana.

Na obra clássica *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*, de 1968, Weinreich, Labov e Herzog afirmam que as escolhas realizadas pelos indivíduos ou por um conjunto deles não são aleatórias, mas condicionadas por princípios tanto internos à estrutura linguística quanto inerentes ao sistema social desta. Além disso, os teóricos dessa corrente consideram que, embora possa haver variação no plano da fala (no sentido de ser uma escolha individual), a variação linguística, em geral, situa-se no plano do sistema.

Seria justamente a variabilidade inerente ao sistema o fato que explicaria as mudanças na língua no espaço temporal, sem perda da estruturalidade,

visto que, na maioria das vezes, os falantes não percebem que estão vivenciando tais alterações. Para essa sensação de imutabilidade, é essencial a gradualidade das mudanças linguísticas. A esta ideia estão intimamente ligados os processos de coexistência e concorrência entre formas ‘novas’ e ‘antigas’ na língua, em que há uma fase de transição em que formas ‘novas’ e ‘antigas’ coexistem, estão em variação, e pode ser que, em um dado momento, a forma mais ‘nova’ suplante a ‘antiga’ e essa forma ‘antiga’ venha a desaparecer. Foi o que, aparentemente, ocorreu com *você* e *tu* na variedade do Rio de Janeiro do PB durante boa parte do século XX. As formas coexistiram no século XIX e nas duas primeiras décadas do século XX, com o aumento progressivo dos índices de *você* ao longo desse tempo, no entanto, por volta dos anos de 1930, *você* suplantou *tu* e este praticamente desapareceu até a década de 1990.

2.2. A teoria do Poder e Solidariedade: breves considerações

Segundo Brown e Gilman (2003[1960]), o par conceitual *poder* e *solidariedade* está presente em todas as formas de interação verbal. O *poder* pode ser compreendido como o controle que uma pessoa exerce sobre outra em uma determinada situação interativa. Desse modo, para que haja uma relação de poder, é necessário que pelo menos duas pessoas estejam interagindo socialmente e que a relação entre ambas não seja recíproca, simétrica. A necessidade de não reciprocidade da relação se deve ao fato de que todos os participantes da interação não podem ter poder na mesma área de comportamento. Sendo assim, o poder está presente em relações assimétricas, diferenciais ou não recíprocas e essa hierarquia pode ser observada em atributos como idade, geração e autoridade (o pai é superior ao filho, o professor, ao aluno, o patrão, ao empregado).

Ao contrário do que ocorre em uma relação de poder em que o conceito de hierarquia é de fundamental importância para entender a assimetria no tratamento, na *solidariedade*, pressupõe-se a existência de forças iguais, de um mesmo nível de hierarquia social decorrente de relações sociais recíprocas ou simétricas. Essas relações simétricas derivam fundamentalmente dos atributos de sexo, parentesco e filiação de grupo que, por sua vez, estão ligados às ideias de afinidade, semelhança, afeto e agrado.

Há, portanto, dois tipos de relação de poder — uma em que o emissor exerce poder sobre o receptor e outra em que é o receptor que é o detentor do poder frente ao emissor — bem como há duas formas de relação

de solidariedade — uma em que a solidariedade entre os participantes da situação comunicativa se faz presente e outra em que não é possível observar solidariedade.

Segundo os autores, o uso de formas *V* (como *vous*, em francês) está intimamente ligado a relações simétricas em que os componentes da ação não apresentam afinidades (nas relações não solidárias), e a situações assimétricas em que o emissor se encontra em uma situação hierarquicamente inferior à do receptor. Formas *T* (como *tu*, em francês), ao contrário, estão a serviço de relações simétricas recíprocas e solidárias e de situações assimétricas em que o emissor exerce alguma forma de poder sobre o receptor.

Trabalhos como os de Cintra (1986 [1972]), Faraco (1996), por exemplo, descrevem que, nos primeiros séculos de sua trajetória, *você* apresentava uma semântica fortemente ligada às noções de assimetria e cortesia — comportamento semelhante ao das denominadas formas *V*; entretanto, aparentemente, essa forma passou a pertencer a domínios que antes eram exclusivos das formas *T*, como evidenciam trabalhos como o de Paredes Silva (1999).

3. O Corpus

Para a análise de estratégias de referência ao interlocutor, é necessária a escolha de um gênero textual que permita a interação direta entre emissor e receptor em uma situação comunicativa. Sabe-se que a modalidade que abriga, por excelência, esse gênero textual é a oral; no entanto, em épocas mais distantes da contemporaneidade, a apreensão dessa modalidade só é possível através da representação desta na escrita. A fim de atender todos esses requisitos, o gênero peça teatral apresenta-se como um dos mais adequados para a análise linguística desse fenômeno, uma vez que, apesar de ser um texto escrito, é destinado à representação — só adquire vida ao se corporificar numa encenação, sua relação com o público, *grosso modo*, não se dá através da leitura, e sim da encenação de atores que agem sobre a composição, inicialmente, escrita em ação dialogada. Sua importância para os estudos linguísticos é inegável, pois, apesar de constituir um texto escrito, fruto da percepção individual de seu criador, busca representar usos linguísticos próprios das relações que se estabelecem no interior da organização social em que seus autores estão inseridos. Por isso, constitui um valioso material de análise linguística.

Por essas razões, com o objetivo de observar as tendências no comportamento das estratégias de referência ao interlocutor no PB e no PE dos

séculos XIX e XX, serão analisadas vinte e nove peças teatrais — quatorze ambientadas no Rio de Janeiro, e quinze em Lisboa neste período. Entre as peças teatrais, busca-se privilegiar as obras que buscam retratar a vida familiar dos cariocas e lisboetas nesses séculos, constituindo-se de cenários que compreendem, preponderantemente, ambientes privados — casa, pensão onde residem os personagens — e apresentando, em geral, relações íntimas, uma vez que devem se ocupar de situações corriqueiras do cotidiano.

A seguir, encontram-se elencadas as peças selecionadas:

Quadro 1. A constituição da amostra brasileira

Amostra do português brasileiro		
<i>Peça</i>	<i>Autor</i>	<i>Data</i>
OS CIÚMES DE UM PEDESTRE	Martins Pena	1846
O DEMÔNIO FAMILIAR	José de Alencar	1857
AMOR COM AMOR SE PAGA	França Júnior	1870
O DEFEITO DE FAMÍLIA	França Júnior	1870
NÃO CONSULTE MÉDICO	Machado de Assis	1896
QUEBRANTO	Coelho Neto	1908
O SIMPÁTICO JEREMIAS	Gastão Tojeiro	1918
O HÓSPEDE DO QUARTO Nº 2	Armando Gonzaga	1937
DONA XEPA	Pedro Bloch	1952
TODA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA	Gláucio Gill	1962
O GENRO QUE ERA NORA	Aurimar Rocha	1972
COMUNHÃO DE BENS	Alcione Araújo	198-
INTENSA MAGIA	Maria Adelaide Amaral	1995
SÍNDROMES	Maria Carmen Barbosa e Miguel Falabella	2003

Quadro 2. A constituição da amostra portuguesa

Amostra do português europeu		
Peça	Autor	Data
AS ASTÚCIAS DE ZANGUIZARRA	Ricardo José Fortuna	1819
O BEATO ARDILOSO	José Joaquim Bordalo	1825
<i>SIMILIA SIMILIBUS</i>	Júlio Dinis	1858
O FERRO VELHO	P.C. D'Alcantara Chaves	1866
QUEM DESDENHA...	Manuel Joaquim Pinheiro Chagas	1874
FIM DE PENITÊNCIA	Marcelino António da Silva Mesquita	1895
O TIO PEDRO	Marcelino António da Silva Mesquita	1902
ZILDA	Alfredo Cortez	1921
VIVA DA COSTA	Vasco Mendonça Alves	1925
TRÊS GERAÇÕES	Ramada Curto	1931
A PRIMA TANÇA	Alice Ogando	1934
É URGENTE O AMOR	Luiz Francisco Rebelo	1956
O HOMEM DO QUIOSQUE	Tomaz de Figueiredo	1958
OS OUTROS	Jaime Salazar Sampaio	1965
ANTÓNIO, UM RAPAZ DE LISBOA	Jorge Silva Melo	1995

4. A análise dos resultados

4.1. As formas de tratamento ao interlocutor em análise

Analisaram-se as estratégias de referência ao interlocutor na função de sujeito explícito ou desinencial associadas a verbos nos modos indicativo e subjuntivo. A seguir, há exemplos das estratégias sob investigação.

. TU

(01) A AVÓ — Ó Rosa, **tu** não sabes o que *estás a dizer!*... Olha que **tu** estás ainda em muito boa idade... (PE – *Três gerações*, 1931)

(02) EMÍLIA — *Acredita, Carlos. Não posso levar à paciência que tu, tão trabalhador e amigo da família, vás prender-te a uma criatura inútil, que só cuida de leitura e arrebiques...* **Vais** ser um desgraçado! (PE - *Zilda*, 1921)

. VÓS

(03) PEDESTRE — *Sim, sim, está morta... Mas **vós** lhe dareis vida por um navio... vinde... silêncio... Dar-vos-ei um navio que ela me fez perder...* (PB - *Os ciúmes de um pedestre*, 1846)

. VOCÊ

(04) VEIGA — *Salve! Zilda! Ó Zilda! **Você**, a sério, não gosta destas gravuras?* (PE — *Zilda*, 1921)

(05) MACEDO — ***Você** não quer admitir que sou um coroa ainda muito enxuto, não é? Mas **pode** deixar, meu bem. Eu vou morrer apaixonado por você.* (PB - *O genro que era nora*, 1972)

. O(A) SENHOR(A)

(06) ZEZÉ — ***O senhor** vive dizendo que é o que é mas nunca conseguiu aceitar os outros como são.* (PB - *Intensa Magia*, 1995)

(07) RAPARIGA — *Sou aquela rapariga a quem o senhor há bocado ligado o pulso... **Está** a ver a ligadura? [...]* (PE – *Os outros*, 1958)

. VOSSA MERCÊ

(08) LUÍSA — *Ora, meu pai, **vossa mercê** está persuadido que eu havia temerariamente levantado um testemunho ao Tio Lourenço?* (PE – *O beato ardiloso*, 1825)

. VOSSA EXCELÊNCIA

(09) AZEVEDO — *Aqui passa **V. Ex.^a** naturalmente as tardes, conversando com suas flores, em doce e suave rêverie!* (PB - *O demônio familiar*, 1857)

(10) CHEFE — [...] Sr. Dr. Jorge Fonseca... É **V. Ex.^a**? **Quer** ter a bondade de entrar?

[...]

CHEFE — [...] **V. Ex.^a** chegou muito a tempo.

[...]

CHEFE — Tenha a bondade... De certo não **ignora** o pedido que me levou a pedir-lhe que **visse** aqui... (PE – *É urgente o amor*, 1956)

. VOSSA SENHORIA

(11) PEDESTRE — [...] *Que ordena **vossa senhoria**?* (PB – *Os ciúmes de um pedestre*, 1846)

. SINTAGMAS NOMINAIS

(12) DR. MATEUS — O Sr. Tomás Bento dá licença. (PE - *Similia Similibus*, 1858)

(13) TIBÚRCIO — Mas o doutor disse ao Honorato que eu tinha um filho hospedado aqui. (PB - *O hóspede do quarto número dois*, 1937)

(14) CHEFE — A menina era muito amiga dela, não é verdade? (PE - *É urgente o amor*, 1956)

(15) PEDESTRE — Ah, a menina tem namorados, recebe cartinhas e quer casar-se contra a minha vontade [...] (PB - *Os ciúmes de um pedestre*, 1846)

(16) JOSINO — [...] Vovó deve compreender que um homem, em vésperas de casamento, tem obrigação de retemperar-se para resistir aos encargos da vida conjugal. (PB - *Quebranto*, 1908)

(17) MANUEL — Ora a Zilda vive aqui dentro uma vida a que procura inutilmente aclimar-se... (PE - *Zilda*, 1921)

4.2. A distribuição geral das formas

A análise das formas de tratamento ao interlocutor na função de sujeito explícito ou desinencial nas vinte e nove peças ambientadas no Rio de Janeiro e em Lisboa dos séculos XIX e XX, tomando-se apenas os dados relacionados a formas verbais não-imperativas, resultou um total de 7148 dados.

É fundamental ressaltar que, a fim de sintetizar os resultados obtidos na análise das amostras brasileira e portuguesa, agruparam-se os dados aproximadamente por quartos de século. Na amostra brasileira, as obras compreendidas entre os anos de 1846 e 1870 apresentam-se como XIX (3); a de 1896, como XIX (4); as de 1908 e 1918, como XX (1), as de 1937 e 1952, como XX (2), as de 1962 e 1972, como XX (3), e as de 1980, 1995 e 2003, como XX (4). Na amostra portuguesa, as peças de 1819 e 1825 foram agrupadas como XIX (1/2); as de 1858 e 1866, como XIX (3); as 1874 e 1895, como XIX (4); as de 1902, 1921 e 1925, como XX (1); as 1931 e 1934, como XX (2); as de 1956, 1958 e 1965, como XX (3); e a de 1995, como XX(4).

A seguir, encontra-se a distribuição geral dos dados.

Tabela 1. A distribuição geral dos dados

FT	TU		VOCÊ		VÓS		V.M. (e variantes)		V.EX.		SR.		SN		TOTAL	
	PB	PE	PB	PE	PB	PE	PB	PE	PB	PE	PB	PE	PB	PE	PB	PE
XIX (1/2)	-	73/ 163 (45%)	-	11/ 163 (7%)	-	7/ 163 (4%)	-	65/ 163 (40%)	-	-	-	3/ 163 (2%)	-	4/ 163 (2%)	-	163
XIX (3)	379/ 728 (52%)	218/ 455 (48%)	53/ 728 (7%)	23/ 455 (5%)	7/ 728 (1%)	-	22/ 728 (3%)	3/ 455 (1%)	-	17/ 455 (4%)	184/ 728 (25%)	78/ 455 (17%)	83/ 728 (11%)	116/ 455 (25%)	728	455
XIX (4)	10/ 87 (11%)	132/ 251 (53%)	7/ 87 (8%)	25/ 251 (10%)	-	1/ 251 (0%)	-	-	-	29/ 251 (12%)	69/ 87 (79%)	60/ 251 (24%)	1/ 87 (1%)	4/ 251 (2%)	87	251
XX (1)	217/ 759 (29%)	412/ 618 (67%)	202/ 759 (27%)	108/ 618 (17%)	3/ 759 (0%)	-	-	25/ 618 (4%)	-	1/ 618 (0%)	316/ 759 (42%)	21/ 618 (3%)	21/ 759 (3%)	51/ 618 (8%)	759	618
XX (2)	1/ 804 (0%)	97/ 129 (75%)	431/ 804 (54%)	-	-	-	-	-	-	1/ 129 (1%)	370/ 804 (46%)	14/ 129 (11%)	2/ 804 (0%)	17/ 129 (13%)	804	129
XX (3)	5/ 848 (1%)	717/ 1031 (70%)	681/ 848 (80%)	45/ 1031 (4%)	-	-	-	2/ 1031 (0%)	-	25/ 1031 (2%)	152/ 848 (18%)	143/ 1031 (14%)	10/ 848 (1%)	99/ 1031 (10%)	848	1031
XX (4)	3/ 944 (0%)	323/ 331 (98%)	836/ 944 (89%)	8/ 331 (2%)	-	-	-	-	-	-	104/ 944 (11%)	-	1/ 944 (0%)	-	944	331
TOTAL	615/ 4170 (15%)	1972/ 2978 (66%)	2210/ 4170 (53%)	220/ 2978 (7%)	10/ 4170 (0%)	8/ 2978 (0%)	22/ 4170 (1%)	95/ 2978 (3%)	-	73/ 2978 (2%)	1195/ 4170 (29%)	319/ 2978 (11%)	118/ 4170 (3%)	291/ 2978 (10%)	4170	2978

Tomando as peças de teatro analisadas, inicialmente, é importante ressaltar a diferença na quantidade de formas encontradas no século XIX e no século XX. Tomando os extremos da tabela, pode-se afirmar, de acordo com os resultados obtidos nas amostras sob análise, que, se na primeira metade do século XIX, há seis estratégias de tratamento ao interlocutor, no último quarto do século XX, existem praticamente apenas três — *tu*, *ocê* e *o(a) senhor(a)*.

Além dessa ‘perda de diversidade’ das estratégias de tratamento ao interlocutor, quando se analisa o comportamento do pronome *tu*, na amostra brasileira, embora essa forma predomine no terceiro quarto do século XIX, seus índices decrescem no final desse século e nas primeiras décadas dos anos de 1900 até seu uso praticamente desaparecer a partir do segundo quarto do século XX. Já, na amostra portuguesa, observa-se que essa forma prepondera em todas as épocas sob investigação, apresentando índices entre 40% e 60% no século XIX, e sempre superiores a 65% nos períodos do século XX. Dessa maneira, além de sua superioridade, destaca-se o aumento progressivo de seus índices, o que pode estar relacionado à flexibilização das relações. Acredita-se que *tu* passa a ocupar, paulatinamente, ao longo do período sob análise, os domínios que antes pertenciam às formas de tratamento de base nominal. Esses resultados contrariam a concepção de Cintra (1986[1972]), de que, em Portugal, predomina o uso dos tratamentos de base nominal. Entretanto, somente quando se analisar detidamente o comportamento das formas em função das relações sociais estabelecidas, considerações mais conclusivas a esse respeito poderão ser tecidas.

Já com relação à forma *ocê*, nota-se, de antemão, um comportamento bastante semelhante entre o PB e o PE na segunda metade do século XIX — nos dois quartos analisados e nas duas amostras, as frequências estão em sempre abaixo dos 10%. Posteriormente, no século XX, observa-se uma grande diferenciação entre essas variedades. Por um lado, na amostra brasileira, é possível encontrar uma frequência próxima a 30% relacionada à forma *ocê* já no primeiro quarto do século e um crescimento substancial ao longo nos quartos seguintes (54% e 80%), até atingir índices próximos a 90% no final do século, ratificando os resultados de Paredes Silva (2000). Por outro, na amostra portuguesa, as frequências de uso dessa forma se encontram sempre abaixo dos 20%.

No que diz respeito ao emprego de *vós*, nota-se que o uso desse pronome é bastante esporádico e pouco significativo nas duas variedades, visto que, segundo Cintra (1986 [1972]), já no século XVIII era considerado um traço arcaizante.

Quando se analisa comparativamente o emprego da estratégia *o(a) senhor(a)*, dois fatos mostram-se bastante relevantes. O primeiro deles diz respeito aos índices globais dessa forma serem muito mais elevados no PB do que no PE. Nesse caso, deve se ressaltar as frequências encontradas no último quarto

do século XIX e na primeira metade do século XX, que, na amostra brasileira, estão acima do dobro das identificadas na amostra portuguesa. Uma explicação para esses resultados se encontra na diversidade de formas nominais encontradas no PE, o que acarreta uma maior quantidade de opções de escolha para os falantes portugueses, fazendo com que os índices de uso de formas nominais se diluam em três ou mais estratégias — fato que não ocorre no PB. O segundo fato relevante relacionado à análise comparativa do emprego de *o(a) senhor(a)* diz respeito à significativa queda nos índices dessa forma no PB da segunda metade do século XX. Acredita-se que essa queda esteja relacionada a mudanças no interior das relações sociais. Tal fato será investigado mais detidamente quando se analisarem os resultados diluídos entre as relações sociais estabelecidas.

Ao comparar os índices de formas nominais distintas a *o(a) senhor(a)* entre as variedades brasileira e portuguesa, destaca-se a maior frequência dessas estratégias no PE. Em primeiro lugar, na primeira metade do século XIX, pode-se verificar que a forma *V.M.* (e variantes) concorre 'de igual para igual' com o pronome *tu*, com índices na casa dos 40%, aparecendo, posteriormente, de modo isolado com frequências sempre abaixo dos 5%. Em segundo lugar, a forma *V.Ex.*, que sequer figura na variedade brasileira, no PE, apesar de apresentar valores quase sempre abaixo dos 13%, aparece tanto no século XIX quanto no século XX. Em terceiro lugar, há o emprego de SNs no PE ao longo de quase toda a amostra, embora suas frequências estejam sempre abaixo dos 25%, são sempre mais elevadas que o uso dessa estratégia no PB. Com relação aos SNs, é interessante comentar o desaparecimento dessas estratégias no último quarto do século XX nas duas amostras em estudo. Nesse caso, por um lado, no PB, confirma-se a tendência em curso desde o último quarto do século XIX de frequências muito baixas para o uso dessas formas, por outro, no PE, não é possível afirmar que essas estratégias tenham deixado de ser usadas, visto que apenas uma peça foi analisada neste período.

4.3. A distribuição geral das formas por relações sociais

4.3.1. A distribuição das formas nas relações simétricas solidárias

As relações simétricas são aquelas em que nenhum dos participantes da situação comunicativa exerce poder sobre o outro, orientando-se pelo parâmetro da solidariedade, segundo Brown e Gilman (2003[1960]). São solidárias quando os participantes apresentam intimidade entre si. Nas obras que constituem as amostras, as relações simétricas solidárias foram encontradas na interação entre casais, irmãos e amigos. A seguir, encontra-se a distribuição dos 2884 dados das relações simétricas solidárias na amostra

Tabela 2. A distribuição dos dados nas relações simétricas solidárias

FT	TU		VOCÊ		VÓS		SR.		SN		TOTAL	
	PB	PE	PB	PE	PB	PE	PB	PE	PB	PE	PB	PE
XIX (1/2)	-	21/27 (78%)	-	-	-	6/27 (22%)	-	-	-	-	-	27
XIX (3)	218/309 (71%)	85/93 (91%)	30/309 (10%)	-	-	-	56/309 (18%)	7/93 (8%)	5/309 (2%)	1/93 (1%)	309	93
XIX (4)	1/6 (17%)	69/78 (88%)	5/6 (83%)	8/78 (10%)	-	-	-	1/78 (1%)	-	-	6	78
XX (1)	92/121 (76%)	246/250 (98%)	8/121 (7%)	4/250 (2%)	-	-	21/121 (17%)	-	-	-	121	250
XX (2)	1/241 (0%)	26/26 (100%)	227/241 (94%)	-	-	-	13/241 (5%)	-	-	-	241	26
XX (3)	5/496 (1%)	426/426 (100%)	491/496 (99%)	-	-	-	-	-	-	-	496	426
XX (4)	-	232/237 (98%)	571/575 (99%)	5/237 (2%)	-	-	4/575 (1%)	-	-	-	575	237
TOTAL	317/ 1748 (18%)	1105/ 1136 (97%)	1332/ 1748 (76%)	17/ 1136 (1%)	-	6/ 1136 (1%)	94/ 1748 (5%)	8/ 1136 (1%)	5/ 1748 (0%)	1/ 1136 (0%)	1748	1136

Inicialmente, é necessário esclarecer que não foram encontrados dados relativos a relações simétricas solidárias, na amostra portuguesa, na obra de 1925. Tal fato deve-se fundamentalmente à natureza dessa obra, que se desenvolve exclusivamente pela interação entre dois personagens, que estabelecem entre si uma relação simétrica não-solidária.

No século XIX e no primeiro quarto do século XX, observa-se uma quantidade maior de formas para o tratamento entre iguais íntimos principalmente no PB. Na amostra brasileira, por um lado, observa-se, nesse tipo de relação, a variação entre as formas pronominais, com uma forte tendência ao emprego de *tu*, embora no último quarto do século *você* predomine. O predomínio de *você*, entretanto, corresponde à frequência desse item em apenas uma peça de Machado de Assis, que apresenta, apenas 6 ocorrências nesse tipo de relação. Para entender esses dados na obra de Machado de Assis, são muito interessantes as constatações de Biderman (1972), que, ao analisar cartas pessoais também desse autor, verificou o emprego do pronome *tu* com os íntimos até o final da década de 1870, ao passo que, nas últimas décadas do século XIX, notou que se empregava quase que exclusivamente a forma *você* para os mesmos. Ressalte-se também a frequência de 17% da forma *o(a) senhor(a)*, que corresponde ao tratamento entre noivos, na peça *Quebranto*, de 1908, em que há uma grande diferença de idade da noiva em relação ao noivo. Na amostra portuguesa, por outro lado, verifica-se, um forte predomínio do pronome *tu*, embora formas como *vós*, *o(a) senhor(a)* e SNs também apareçam com frequências bem menores.

Já a partir do segundo quarto do século XX, enquanto no PB, o pronome *tu* praticamente desaparece, e há uma forte predominância de *você*, no PE, a forma *tu* aparece quase na totalidade dos casos.

Em suma, a TD evocada, no PB, em situações simétricas solidárias até o terceiro quarto do século XIX é *tu*, no último quarto do século XIX e no primeiro do século XX, há uma variação entre *tu* e *você*, e, a partir da década de 1930, *você* se consolida como a forma de tratamento a ser evocada nesses contextos. Confirmam-se, assim, os resultados obtidos por Paredes Silva (2000), Soto (2001), Salles (2001) e Lopes & Duarte (2003), que afirmam que a forma de tratamento mais produtiva nas relações simétricas solidárias no século XIX é o pronome *tu*, bem como o de Paredes Silva (2000), que aponta *você* como a estratégia mais produtiva nessas relações a partir da década de 1930.

Em contrapartida, na amostra portuguesa, a TD evocada tanto no século XIX quanto no XX é o pronome *tu*, que predomina em todos os

períodos analisados, chegando a se apresentar como (praticamente) categórico em onze das treze peças em que se identificaram relações simétricas solidárias. Tal fato evidencia que, ao contrário do que foi constatado na amostra brasileira, não ocorreu nenhuma mudança no sistema de formas de tratamento no domínio das relações simétricas solidárias na amostra portuguesa.

4.3.2. A distribuição das formas nas relações simétricas não-solidárias

Entende-se por relações simétricas não-solidárias todos os tipos de relação constituído pelas interações entre desconhecidos bem como entre conhecidos, não-amigos, sem nenhum vínculo familiar. Agruparam-se também sob esse rótulo as relações entre sogro(a) e genro/nora. Tal opção se fez, uma vez que, ao contrário das demais relações de parentesco, nesta não parece, muitas vezes, nas peças, se desenvolver uma intimidade recíproca.

É fundamental sublinhar que se crê, neste estudo, que, entre todos os tipos de relação, a análise desse tipo seja o mais difícil, uma vez que as 'regras' que regem o uso de formas de tratamento entre não-íntimos são bastante 'maleáveis'.

Antes de iniciar a análise, é importante esclarecer que, na amostra portuguesa, não se identificaram relações simétricas não-solidárias nas obras de 1825, 1895, 1902, 1931 e 1995. Analisou-se um total de 2156 dados distribuídos da seguinte forma na amostra.

Tabela 3. A distribuição dos dados nas relações simétricas não-solidárias

FT	TU		VOCÊ		VÓS		V.M. (e variantes)		V.EX.		SR.		SN		TOTAL	
	PB	PE	PB	PE	PB	PE	PB	PE	PB	PE	PB	PE	PB	PE	PB	PE
XIX (1/2)	-	6/ 41 (14%)	-	11/ 41 (27%)	-	-	-	24/ 41 (49%)	-	-	-	-	-	-	-	41
XIX (3)	20/ 136 (15%)	5/ 170 (3%)	15/ 136 (11%)	15/ 170 (9%)	7/ 136 (5%)	-	-	-	-	-	93/ 136 (68%)	67/ 170 (39%)	1/ 136 (1%)	83/ 170 (49%)	136	170
XIX (4)	8/ 76 (11%)	1/ 106 (1%)	2/ 76 (3%)	17/ 106 (16%)	-	1/ 106 (1%)	-	-	-	28/ 106 (27%)	66/ 76 (87%)	59/ 106 (56%)	-	-	76	106
XX (1)	48/ 314 (15%)	74/ 255 (29%)	70/ 314 (22%)	95/ 255 (37%)	-	-	-	25/ 255 (10%)	-	1/ 255 (1%)	186/ 314 (60%)	21/ 255 (8%)	10/ 314 (3%)	39/ 255 (15%)	314	255
XX (2)	-	-	155/ 444 (35%)	-	-	-	-	-	-	-	288/ 444 (65%)	14/ 18 (78%)	1/ 444 (0%)	4/ 18 (22%)	444	18
XX (3)	-	36/ 274 (13%)	53/ 132 (40%)	26/ 274 (9%)	-	-	-	-	-	25/ 274 (9%)	69/ 132 (52%)	141/ 274 (51%)	10/ 132 (8%)	46/ 274 (17%)	132	274
XX (4)	1/ 190 (1%)	-	147/ 190 (77%)	-	-	-	-	-	-	-	41/ 190 (22%)	-	1/ 190 (1%)	-	190	-
TOTAL	77/ 1292 (6%)	121/ 864 (14%)	442/ 1292 (34%)	164/ 864 (19%)	7/ 1292 (1%)	1/ 864 (0%)	-	49/ 864 (6%)	-	54/ 864 (6%)	743/ 1292 (58%)	302/ 864 (35%)	23/ 1292 (2%)	174/ 864 (20%)	1292	864

Com relação ao PB constata-se, durante quase todo o período sob estudo, com exceção feita ao último quarto do século XX, que a principal TD evocada nas relações simétricas não-solidárias é a forma *o(a) senhor(a)*, que predomina sobre as formas pronominais *tu, você e vós* e sobre os SNs. Já com relação ao PE, a forma *o(a) senhor(a)* prepondera em três períodos, os dois últimos quartos do século XIX e o segundo e terceiro quartos do século XX, sendo a forma *V.M.* a principal estratégia de tratamento entre iguais não-íntimos na primeira metade do século XIX.

Cabe ressaltar o emprego da forma *V.M.* e variantes ao lado da forma mais nova *você*. O emprego de *você*, no entanto, segundo Lešková (2012), na atualidade, não é utilizado por de mais de 60% dos portugueses e os que o utilizam, fazem-no para indicar respeito. É importante sublinhar os significativos usos de SNs, que praticamente não ocorrem no PB, mas se mostram muito usuais no PE. Como já foi descrito, não se observou esse tipo de relação no PE no último quarto do século XX.

É fundamental sublinhar também que, enquanto no PB há um crescente aumento da forma *você*, chegando a 77% no último quarto do século XX, no PE, o emprego de *tu*, pronome predileto entre os portugueses apresenta índices sempre abaixo dos 30%. Isso pode indicar que, no domínio simétrico não-solidário, as relações tenham se tornado mais flexíveis no PB do que no PE.

4.3.3. A distribuição das formas nas relações assimétricas descendentes

As relações assimétricas são aquelas em que há poder envolvido na interação entre os interlocutores. As relações assimétricas descendentes são as que se desenvolvem na interação entre um emissor que detém poder sobre um receptor, ou seja, quem fala está em uma posição dominante em relação a seu interlocutor. Nas amostras sob análise, o tratamento assimétrico descendente é observado na fala do pai dirigida a seu filho; do tio, a seu sobrinho; do patrão, a seu empregado, entre outras.

De antemão, é necessário esclarecer que não foram identificados, na amostra brasileira, dados de relações assimétricas descendentes nas obras “Amor com amor se paga”, de 1870, e “Comunhão de bens”, de 1980. Nas obras da amostra portuguesa, não foram identificadas relações assimétricas nas obras “Viva da Costa”, de 1925, e “Os outros”, de 1965. Nas demais obras, coletou-se um total de 1310 dados distribuídos da seguinte forma:

Tabela 4. A distribuição dos dados nas relações assimétricas descendentes

FT	TU		VOCÊ		V.M. (e variantes)		SR.		SN		TOTAL	
	PB	PE	PB	PE	PB	PE	PB	PE	PB	PE	PB	PE
XIX (1/2)	-	46/ 52 (88%)	-	-	-	4/ 52 (8%)	-	-	-	2/ 52 (4%)	-	52
XIX (3)	140/ 155 (90%)	128/ 154 (83%)	8/ 155 (5%)	8/ 154 (5%)	-	-	1/ 155 (1%)	2/ 154 (1%)	6/ 155 (4%)	16/ 154 (10%)	155	154
XIX (4)	-	20/ 20 (100%)	-	-	-	-	3/ 4 (75%)	-	1/ 4 (25%)	-	4	20
XX (1)	77/ 224 (34%)	71/ 71 (100%)	120/ 224 (54%)	-	-	-	27/ 224 (12%)	-	-	-	224	71
XX (2)	-	57/ 57 (100%)	46/ 49 (94%)	-	-	-	3/ 49 (6%)	-	-	-	49	57
XX (3)	-	211/ 233 (91%)	87/ 97 (90%)	19/ 233 (8%)	-	2/ 233 (1%)	10/ 97 (10%)	-	-	1/ 233 (0%)	97	233
XX (4)	-	81/ 84 (96%)	110/ 110 (100%)	3/ 84 (4%)	-	-	-	-	-	-	110	84
TOTAL	217/ 639 (34%)	614/ 671 (92%)	371/ 639 (58%)	30/ 671 (4%)	-	6/ 671 (1%)	44/ 639 (7%)	2/ 671 (0%)	7/ 639 (1%)	19/ 671 (3%)	639	671

Com base nos resultados, pode-se afirmar, inicialmente, que, no tratamento do superior ao inferior, tanto no PB quanto no PE, predomina o uso de estratégias pronominais. Na amostra brasileira, de um modo geral, é possível constatar dois comportamentos distintos. Por um lado, observa-se, inicialmente, nas obras do terceiro quarto do século XIX, o emprego predominante de *tu*; posteriormente, já no século XX, nota-se seu declínio até seu desaparecimento a partir da obra do segundo quarto desse século. Por outro lado, a forma *você*, que apresenta índices insignificantes no século XIX, a partir do século XX predomina em todos os períodos, chegando a ser categórica no último quarto desse século nesse tipo de relação.

Já na amostra portuguesa, ao analisar as formas de tratamento nas falas de personagens 'superiores' dirigidas a 'inferiores', observou-se o uso praticamente categórico de *tu* durante todo o período sob análise.

Ressalte-se que não se tecerá considerações sobre o último quarto do século XIX no PB por se tratar de apenas quatro dados em uma peça específica.

De um modo geral, o comportamento dos dados nas relações assimétricas descendentes se assemelha bastante ao comportamento nas relações simétricas solidárias.

4.3.4. A distribuição das formas nas relações assimétricas ascendentes

O tratamento ascendente corresponde àquele que em que o emissor é 'hierarquicamente' inferior ao receptor. Tal tipo de relação é perceptível, no *corpus* analisado, na fala de filho para o pai, do sobrinho para o tio, do empregado para o patrão, do escravo para seu senhor, entre outras. É importante ressaltar que não foram identificadas relações assimétricas na peça de 1980, na amostra brasileira, e nas obras de 1925 e 1965 na amostra portuguesa. O total de 795 dados distribuíram-se do seguinte modo pelas amostras:

Tabela 5. A distribuição dos dados nas relações assimétricas ascendentes

FT	TU		VOCÊ		VÓS		V.M. (e varian- tes)		V.EX.		SR.		SN		TOTAL	
	PB	PE	PB	PE	PB	PE	PB	PE	PB	PE	PB	PE	PB	PE	PB	PE
XIX (1/2)	-	-	-	-	-	1/ 43 (2%)	-	37/ 43 (86%)	-	-	-	3/ 43 (7%)	-	2/ 43 (5%)	-	43
XIX (3)	1/ 128 (1%)	-	-	-	-	-	22/ 128 (17%)	3/ 38 (8%)	-	17/ 38 (45%)	34/ 128 (27%)	2/ 38 (5%)	71/ 128 (55%)	16/ 38 (42%)	128	38
XIX (4)	1/ 1 (100%)	42/ 45 (93%)	-	-	-	-	-	-	-	1/ 45 (2%)	-	-	-	2/ 45 (24%)	1	45
XX (1)	-	21/ 42 (50%)	4/ 100 (4%)	9/ 42 (21%)	3/ 100 (3%)	-	-	-	-	-	82/ 100 (82%)	-	11/ 100 (11%)	12/ 42 (29%)	100	42
XX (2)	-	14/ 28 (50%)	3/ 70 (4%)	-	-	-	-	-	-	1/ 28 (4%)	66/ 70 (94%)	-	1/ 70 (1%)	13/ 28 (46%)	70	28
XX (3)	-	44/ 98 (45%)	50/ 123 (23%)	-	-	-	-	-	-	-	73/ 123 (77%)	2/ 98 (2%)	-	52/ 98 (53%)	123	98
XX (4)	2/ 69 (2%)	10/ 10 (100%)	8/ 83 (37%)	-	-	-	-	-	-	-	59/ 83 (61%)	-	-	-	83	10
TO- TAL	4/ 491 (1%)	131/ 304 (43%)	65/ 491 (13%)	9/ 304 (3%)	3/ 491 (1%)	1/ 304 (1%)	22/ 491 (4%)	40/ 304 (13%)	-	19/ 304 (6%)	314/ 491 (64%)	7/ 304 (2%)	83/ 491 (17%)	97/ 304 (32%)	491	304

Nas obras do século XIX, na amostra brasileira, o tratamento assimétrico ascendente é encontrado predominantemente nas obras do terceiro quarto do século XIX, sendo o resultado do último quarto do século XX insignificante por se tratar de apenas um dado. O tratamento, no terceiro quarto do século XIX, é feito preponderantemente através de SNs, também sendo encontradas, em índices mais baixos, mas relativamente significativos, formas como *V. Ex* e *V.M.* e variantes.

Na amostra portuguesa do século XIX, cabe ressaltar a grande quantidade de tipos de estratégias encontradas para a referência a um interlocutor que apresenta poder frente ao falante. Uma das explicações possíveis para a diversidade de formas encontradas na amostra europeia é a significativa estratificação encontrada na sociedade portuguesa. Na primeira metade do século XIX predomina, com elevado índice, a forma *V.M.* e variantes. Já no terceiro quarto do século XIX preponderam os usos de *V.Ex.* e SNs, com índices bastante próximos aos 45%. No último quarto do século XIX, a forma predominante é *tu*, possivelmente pelos detentores de poder na relação social, no caso pais e sogros, apresentarem-se com uma visão negativa para a sociedade — o pai que negocia a filha e a mãe que é solteira.

Já nas obras do século XX, na amostra brasileira, os índices de *o(a)senhor(a)* predominam durante todo o século XX, também podendo ser encontradas, com frequência significativa, na segunda metade do século XX, a forma *você* (23% e 37%, no terceiro e quartos do século XX, respectivamente). Ressalta-se os quatro dados de *tu* em seu emprego não padrão, ou seja, relacionado a formas verbais de terceira pessoa encontrado no último quarto do século XX.

Na amostra portuguesa, nos dois primeiros e no último quarto do século XX, há um elevado emprego de *tu*. A explicação para tal fato pode estar na natureza da temática familiar dessas peças. Nesse caso, não se pode deixar de comentar que a relação entre pais e filhos, netos e avós tornou-se aparentemente mais próxima. Tal fato é observado também na Espanha, já em 1980, na descrição de Alba de Diego e Sánchez Lobato, ao investigar a fala de jovens, como uma mudança consolidada.

Los resultados expuestos confirman la evolución de los tratamientos asimétricos hacia simétricos, en los que predomina la solidaridad. Se ha pasado así a una forma más democrática e igualitaria en las relaciones familiares. [...]

En esta línea creciente del *tuteo* hemos de interpretar la extensión que ha tomado *tu* en fórmulas de tratamiento que hasta hace poco tiempo, y nuestra conciencia lingüística así lo atestigua, eran campo reservado al *Ud.* (Alba de Diego & Sánchez 1980, p.113)

É fundamental também comentar que o uso de SNs, que são, por sua natureza, heterogêneas, a partir da segunda metade do século XIX, possui índices superiores a 24%, com exceção feita ao último período em análise, em que o uso de *tu* é categórico .

5. Considerações finais

Com base nas discussões desenvolvidas ao longo deste estudo e na análise dos resultados obtidos na distribuição das formas de tratamento ao interlocutor, nas vinte e nove peças teatrais, foi possível traçar um interessante panorama do sistema de tratamento ao interlocutor no PB e no PE dos séculos XIX e XX.

É fundamental reiterar que, neste estudo, se consideram as formas de tratamento ao interlocutor *Tradições Discursivas*, visto que se entende que estas são formas linguísticas evocadas em situações comunicativas específicas. Acredita-se também que mudanças tanto na semântica das formas quanto na natureza das relações sociais tenham gerado contextos em que duas ou mais estratégias competem em um mesmo domínio. Essa competição é o que tradicionalmente se conhece como *variação linguística*.

Na análise dos dados., constatou-se que, ao longo dos séculos XIX e XX, em ambas as variedades, há uma tendência à simplificação dos sistemas de tratamento ao interlocutor.

Comparando as duas variedades, em linhas gerais, é possível afirmar que há dois momentos distintos. O primeiro deles, no século XIX e primeiro quarto do século XX, em que se verifica uma certa similaridade entre os sistemas de tratamento do PB e do PE, em que o emprego do pronome *tu* se mostra quase sempre predominante e há, com frequências mais baixas, outras formas — *você, vós, V.M., V. Ex.* (exclusivamente no PE), *o(a) senhor(a)* e SNs.

O segundo corresponde ao período compreendido a partir do segundo quarto do século XX. Nesse período, existe uma progressiva diferenciação entre as duas variedades da língua. Na amostra brasileira, o sistema de tratamento parece se restringir às formas *você* e *o(a) senhor(a)*, com o crescente predomínio daquela sobre esta. Já na amostra portuguesa, essa forma pronominal não só é a predominante em todos os períodos sob análise, como paulatinamente aumentam seus índices de uso, embora ainda haja uma variedade de formas muito mais ampla no PE do que no PB.

Com relação à distribuição pelas relações sociais estabelecidas, nota-se uma similaridade entre os resultados das relações simétricas solidárias e

das relações assimétricas descendentes. Ao contrário do esperado, as relações simétricas não-solidárias e as relações assimétricas descendentes apresentaram comportamentos distintos.

Com relação ao PB, por um lado, observou-se que o sistema de tratamento ao interlocutor, nas relações simétricas solidárias e assimétricas descendentes, vivencia três momentos distintos:

- a) No primeiro momento, no século XIX e no primeiro quarto do século XX, o tratamento se dá predominantemente através do pronome *tu*, embora este possa ter dado lugar a *você* já na passagem do século XIX para XX, como se verifica na obra de Machado de Assis, de 1896, e nos apontamentos dos trabalhos de Biderman (1972) e Paredes Silva (2000).
- b) No segundo momento, entre as décadas de entre o segundo quarto do século XIX e o último quarto do século XX, a referência ao interlocutor ocorre praticamente de maneira categórica com a forma *você*.
- c) No final do século XX, é possível verificar, de maneira tímida, a variação entre as formas *você* e *tu*, esta em seu emprego *não-padrão*, ou seja, acompanhada pela flexão do verbo na 3ª pessoa.

Por outro lado, nas relações simétricas não-solidárias, observa-se a preponderância da forma *o(a) senhor(a)* em praticamente todos os períodos sob análise, exceção feita ao último quarto do século XX, em que a forma de maior frequência é *você*. A escalada das frequências dessa forma pronominal, aliás, é um dos fatos que merece destaque. Se, no primeiro quarto do século XX, correspondia a cerca de 20% do total de ocorrências encontradas nas relações simétricas não-solidárias, a partir do último quarto do século XIX, atinge um percentual próximo a 80%. Tal fato pode indicar que as relações marcadas pelo distanciamento entre os interlocutores caminham em direção à intimidade. Resultados semelhantes são identificados na análise das relações assimétricas ascendentes. Assim como nas relações simétricas não-solidárias, a forma *o(a) senhor(a)* é mais produtiva em quase todos os períodos sob investigação.

Com relação ao PE, de um modo geral, observa-se que o emprego de *tu* é praticamente categórico nas relações simétricas solidárias e nas relações assimétricas descendentes ao longo de todo o período sob análise. Já nas relações simétricas não-solidárias, verifica-se uma multiplicidade de formas que só é possível explicar com uma análise pormenorizada das situações interacionais. Por fim, nas relações assimétricas ascendentes, também se constata uma grande diversidade de formas, mas, ao contrário do que se observa nas relações simétricas não-solidárias, nota-se um aumento, por

vezes, progressivo, nos índices de *tu*, o que indica que as relações de poder podem estar se flexibilizando.

De modo geral, verifica-se que, ao longo dos dois últimos séculos, as alterações ocorridas no quadro do tratamento do PB se mostram muito mais intensas do que as observadas no PE. As mudanças identificadas na variedade do PE estão ligadas, de modo quase que exclusivo, a modificações nas relações sociais, que também se constata na variedade brasileira. Essas mudanças estão relacionadas, sobretudo, às transformações vivenciadas no interior das sociedades que, a partir, principalmente, de meados do século XX, tendem a flexibilizar as relações de poder. Tal fato fica bastante evidente com o aumento nos índices de uso de estratégias pronominais, nas duas variedades, que se sobrepõem ao emprego de formas de base nominal. Estas aparentemente sobrevivem como formas cristalizadas pela Tradição, e não por sua semântica de distanciamento.

Referências

- Alba de Diego, V. & Sánchez Lobato, J. (1980). Tratamiento y juventud en la lengua hablada. *Boletín de la Real Academia Española* LX/ CCXIX, 45–130.
- Biderman, M. T. C. (1972). Formas de Tratamento e Estruturas Sociais. *Alfa*, 18/19, 339–381. São Paulo: FFCL de Marília.
- Brown, R.; Gilman, A. (2003 [1960]). The pronouns of power and solidarity. In C. B. Paulston & G. R. Tucker (Eds.), *Sociolinguistics: The essential readings* (pp. 156–176). Blackwell.
- Cintra, L. F. L. (1986). *Sobre “formas de tratamento” na língua portuguesa*. (2ª ed.) Lisboa: Livros Horizonte.
- Faraco, C. A. (1996). O tratamento *você* em português: uma abordagem histórica. *Fragmenta 13, Publicação do Curso de Pós-Graduação em Letras da UFPR*. Curitiba: Editora UFPR.
- Goffman, E. (1980) A elaboração da face. Uma análise dos elementos rituais na interação verbal. In S. Figueira (Ed.), *Psicanálise e ciências sociais* (pp. 76–114). Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves.
- Goffman, E. (2007). *As representações do eu na vida cotidiana*. (14ª ed.) Petrópolis: Vozes.
- Kabatek, J. (2006). Tradições discursivas e mudança linguística. In T. Lobo, I. Ribeiro, Z. Carneiro & N. Almeida (Eds.), *Para a história do português brasileiro. VI: Novos dados, novas análises* (Tomo II, pp. 505–527). Salvador, Brasil: EDUFBA.
- Kerbrat-Orecchioni, C. (2006). *Análise da conversação. Princípios e Métodos*. São Paulo: Parábola Editorial.

- Lopes, C. R. dos S., Couto, L. R. & Duarte, M. E. L. (2005) Como as pessoas se tratam no cinema latino-americano: Análise de formas de tratamento em roteiros de três países. *Memórias – XIV Congresso Internacional da ALFAL*, vol. 1.
- Lopes, C. R. dos S. & Duarte, M. E. L. (2003). De ‘Vossa Mercê’ a ‘você’: A análise pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas. In S. F. Brandão & M. A. Mota (Eds.), *Análise contrastiva de variedades do português. Primeiros estudos* (vol. 1, pp. 61–76). Rio de Janeiro: In-Fólio.
- Lopes, C. R. dos S & Machado, A. C. M. (2005). Tradição e inovação: indícios do sincretismo entre segunda e terceira pessoas nas cartas dos avós. In C. R. dos S. Lopes (Ed.), *Norma brasileira em construção: Fatos lingüísticos em cartas pessoais do século XIX* (Pós-Graduação, FAPERJ).
- Loregian-Penkal, L. (2004). *(Re)análise da referência de segunda pessoa na fala da região sul* (Tese de doutoramento, Universidade Federal do Paraná).
- Lešková, J. (2012). *As formas de tratamento em Português Europeu* (Tese de doutoramento, Univerzita Palackého v Olomouci). Disponível em: <https://theses.cz/id/lfal0x/diplomov_prce.pdf>
- Machado, A. C. M. (2006). *A implementação de você no quadro pronominal: as estratégias de referência ao interlocutor em peças teatrais no século XX* (Diss. de mestrado, UFRJ).
- Menon, O. P. da S.; Loregian-Penkal, L. (2002). Variação no indivíduo e na comunidade: tu/você no sul do Brasil. In P. Vandresen (Ed.), *Variação e mudança no Português falado da região sul*. Pelotas: Educat.
- Paredes Silva, V. L. (1999). *O percurso da variação na referência à segunda pessoa no português carioca*. Relatório final de pesquisa apresentado ao CNPq (p. 35). Rio de Janeiro: UFRJ, Mimeo.
- Paredes Silva, V.L. (2000). A distribuição dos pronomes de segunda pessoa do singular na fala carioca ao longo do século XX. *II Congresso Nacional da Abralin (CD-rom)*.
- Paredes Silva, V. L. (2003). O retorno do pronome *tu* à fala carioca. In C. Roncarati, J. Abraçado (Eds.), *Português brasileiro – contato lingüístico, heterogeneidade e história* (pp. 160–169). (1ª ed.) Rio de Janeiro: 7letras/FAPERJ.
- Robinson, W. P. (1977 [1972]). *Linguagem e comportamento social*. J. Martins (Trad.). São Paulo: Cultrix.
- Rumeu, M. C. de B. (2004). *Para uma história do português no Brasil: formas pronominais e nominais de tratamento em cartas setecentistas e oitocentistas* (Diss. de mestrado, UFRJ).
- Rumeu, M. C. de B. (2008). *A implementação do ‘você’ no português brasileiro oitocentista e novecentista: um estudo de painel* (Tese de doutoramento, UFRJ).
- Sales, M. (2001). *Pronomes de tratamento do interlocutor no português brasileiro: um estudo de pragmática histórica* (Tese de doutoramento, USP).

- Soto, E. (2001). *Variação/Mudança do pronome de tratamento alocutivo: uma análise enunciativa em cartas brasileiras* (Tese de doutoramento, Universidade Estadual Paulista 'Julio de Mesquita Filho').
- Weinreich, U., Labov, W., Herzog, M. (2006). *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. M. Bagno (Trad.). Revisão Técnica de Carlos Alberto Faraco. Posfácio de Maria da Conceição e Maria Eugênia Lamoglia Duarte. São Paulo: Parábola Editorial.

As obras que compõem a amostra

- Alencar, J. [1857]. *O demônio familiar*. Disponível em: <www.dominiopublico.com.br>.
- Alves, V. (2006 [1925]). Viva Da Costa. In L. Rebello (Ed.), *O teatro português em um acto (século XX)*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Amaral, M. A. de. (1995). Intensa Magia. *SBAT*, 493/494, 45. Mimeo.
- Araújo, A. (1980). Comunhão de bens. *SBAT*, 436, 78. Mimeo.
- Barbosa, M. C. & Falabella, M. (2004 [2003]). Síndromes. In M. C. Barbosa & Falabella, M. (Eds.), *Querido Mundo e outras peças*. Rio de Janeiro: Lacerda.
- Bloch, P. (1973 [1952]). *Dona Xepa*. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Teatro (Coleção Dramaturgia Brasileira).
- Bordalo, J. (2003 [1825]). O Beato Ardiloso. In L. Rebello (Ed.), *O teatro português em um acto (1800–1899)*. Lisboa, Portugal: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Chaves, P. C. (1866). *O Ferro Velho*. Lisboa: Typographia da Viuva Pires Marinho.
- Chagas, M. (2003) Quem desdenha.... In L. Rebello (Ed.), *O teatro português em um acto: volume I 1800–1899*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda. Escrita em 1874.
- Coelho Netto, H. M. (1957 [1908]). Quebranto. In *Revista de Teatro da SBAT*, 295. Rio de Janeiro.
- Curto, R. (2006 [1931]). Três gerações. In L. Rebello (Ed.), *O teatro português em um acto (século XX)*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Dinis, J. (2003 [1858]). Similia Similibus. In L. Rebello (Ed.), *O teatro português em um acto (1800–1899)*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda
- Figueiredo, T. (2003 [1958]). *O homem do quiosque*. In T. Figueiredo (Ed.), *Teatro*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Fortuna, R. (2003 [1819]). As astúcias de Zanzingarra. In Rebello, L (Ed.), *O teatro português em um acto (1800–1899)*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- França Junior, J.J. [1870] *Amor com amor se paga*. Disponível em: <www.dominiopublico.com.br>.
- França Junior, J.J. [1870]. *O defeito de família*. Disponível em: <www.dominiopublico.com.br>.

- Gill, G. (1964 [1962]). *Toda donzela tem um pai que é uma fera*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Gonzaga, A. (1937). *O hóspede do quarto número 2*. Rio de Janeiro, Brasil: SBAT - Mímeo.
- Machado De Assis, J. (1896). *Não Consultes Médico*. Disponível em: <www.dominiopublico.com.br>.
- Melo, J. (1995) António, um rapaz de Lisboa. Lisboa: Edições Cotovia.
- Mesquita, M. (2003 [1895]). Fim de penitência. In L. Rebello (Ed.), *O teatro português em um acto (1800-1899)*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Mesquita, M. (2006 [1902]). O tio Pedro. In L. Rebello (Ed.), *O teatro português em um acto (século XX)*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Ogando, A. (2006 [1934]). A prima tança. *O teatro português em um acto (século XX)*. Lisboa: Imprensa Nacional da Casa da Moeda.
- Pena, M. [1846] *Os Ciúmes de um Pedestre*. Disponível em: <www.dominiopublico.com.br>
- Rebello, L. (1999 [1956]). É urgente o amor. In L. Rebello (Ed.), *Todo o teatro*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Rocha, A. (1979 [1972]). O género que era nora. *Revista de Teatro da SBAT*. Rio de Janeiro.
- Tojeiro, G. (1966 [1918]). O Simpático Jeremias. *Revista de Teatro da SBAT*. Rio de Janeiro.
- Sampaio, J. (1974 [1965]). Os outros. In: *Seis Peças*. Lisboa: Plátano Editora.

[recebido em 31 de janeiro de 2018 e aceite para publicação em 14 de janeiro de 2019]